

ROMANCES PORTUGUESES EM CIRCULAÇÃO NO RIO DE JANEIRO NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

PORTUGUESE NOVELS CIRCULATING IN RIO DE JANEIRO IN THE SECOND HALF OF THE 19TH CENTURY

Juliana Maia de QUEIROZ¹

Lueny Amanda Oliveira FRANÇA²

RESUMO: O século XIX no Brasil assistiu a um importante comércio de livros realizado principalmente por livreiros europeus estabelecidos nas províncias e na corte, responsáveis pelo trânsito de livros entre Portugal e Brasil. Com o intuito de anunciar os livros à disposição do público leitor em suas lojas, esses livreiros publicavam diversos anúncios de jornal – ora longos ora curtos – contemplando desde lançamentos até edições mais antigas. No Rio de Janeiro, um dos jornais de maior destaque era o *Jornal do Commercio* de ampla circulação e abordagem política, econômica, social e cultural, suas páginas revelam os mais importantes livreiros da capital do império. A presente pesquisa se propõe a localizar e examinar anúncios de romances, particularmente os portugueses, presentes no periódico *Jornal do Commercio* com o objetivo de investigar a circulação de romances dessa nacionalidade no Rio de Janeiro do século XIX, no final da década de sessenta daquele século, momento em que o romance encontra-se consolidado no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: História da leitura. Circulação de romances portugueses no Rio de Janeiro. Anúncios de romances.

ABSTRACT: The century in Brazil watched an important book trade held mainly by Europeans booksellers established at the provinces and on court, responsible for the traffic of books between Portugal and Brazil. With the intent to announce books at public disposal for the readers in stores, these booksellers published many announcements on newspapers – sometimes long, sometimes short – contemplating from new releases to older issues. In Rio de Janeiro, one of the newspapers of great prominence was the *Jornal do Commercio*, with wide circulation and its political, economic, social and cultural approach, its pages revealed many of the most important booksellers of the empire's capital. The present research proposes to localize and examine announcements of novels, particularly the Portuguese ones, present at the periodical *Jornal do Commercio*. With the objective of investigate the circulation of novels from that nationality in the Rio de Janeiro of the nineteenth century, at the end of the sixties of that century, the moment which novels are consolidated in Brazil.

KEYWORDS: History of reading. Circulation of Portuguese novels on the Rio de Janeiro. Novels announcements.

1. É professora de Literatura Portuguesa na Universidade Federal do Pará (UFPA) e professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPA – Campus Guamá, Belém – PA, BR. (UFPA/FALE/PPGL). E-mail: jumaiaque@gmail.com.

2. Bolsista de iniciação científica (CNPQ), Graduada em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA) – Campus Guamá, Belém – PA, BR. E-mail: luenyamanda@gmail.com.

Considerações Iniciais

A história da leitura se entrelaça com outras diversificadas investigações históricas como: história do livro, a história da literatura, história da imprensa e história cultural. Portanto, compreender a circulação e recepção de obras literárias implica adentrar em outras áreas do conhecimento. Neste sentido, a história da leitura é influenciada diretamente por esses horizontes. O livro enquanto suporte transmissor de conhecimento e cultura é um intermediário para a mudança de mentalidades, por isso foi duramente censurado na França do Antigo Regime. Conforme Chartier (1998), os censores buscavam instaurar uma ordem nos livros com o objetivo de limitar as produções de sentido, na tentativa de fazer com que os escritos fossem compreendidos com uma única interpretação por seus leitores. “Por outro lado, a leitura é, por definição, rebelde e vadia” (CHARTIER, 1998, p.7), ou seja, embora os agentes (editores, autores e censores) que faziam parte do processo de produção e circulação dos impressos tentassem controlar a interpretação dos leitores, estes poderiam usar de artifícios diversos para ler as entrelinhas.

As obras- mesmo as maiores, ou, sobretudo, as maiores- não tem sentido estático, universal, fixo. Elas estão investidas de significações plurais e móveis, que se constroem no encontro de uma proposição com a recepção. [...] Certamente, os criadores os poderes ou os *experts* sempre querem fixar um sentido e enunciar a interpretação correta que deve impor limites à leitura (ou ao olhar). Todavia, a recepção também inventa, desloca e distorce. (CHARTIER, 1998, p.9).

No Brasil a censura também era muito rigorosa, e no ano de 1720 o governo determinou o impedimento de instalações de manufaturas na colônia. No que se refere ao controle dos subordinados, a coroa portuguesa não media esforços para conter a difusão de ideias. A pesquisa de Márcia Abreu (2003) esclarece que a limitação da circulação de obras no território brasileiro era mais rígida do que em Portugal: o controle de livros era feito não só nos envios, mas também na movimentação livresca entre as províncias da colônia. O tempo para que um cidadão pudesse adquirir um livro poderia ser de um ano ou mais, o que dificultava o acesso à leitura.

De acordo com Márcia Abreu (2003), até o ano de 1807 a aquisição legal de livros era feita somente por meio de um pedido de autorização ao órgão de censura, e era severamente analisado. A chegada da família real ao Brasil em 1808 proporcionou a instalação de maquinário tipográfico trazido de Portugal, assim, os escritos poderiam ser impressos no Brasil. Dessa forma, a circulação

de livros tornou-se mais intensa e houve um aumento de duzentos e cinquenta por cento. Isso se deve à abertura dos portos, bem como à instauração da Impressão Régia no Rio de Janeiro, responsável por publicar os feitos do Império e também toda e qualquer obra. Mas esse crescimento na circulação de impressos não significa a diminuição da censura, pelo contrário, o governo criou um órgão para tratar exclusivamente das verificações dos livros que no Brasil chegaram: a Mesa do Desembargo do Paço.

Assim, entre a vinda da Família Real e o reconhecimento da independência do Brasil por Portugal, a Mesa do Desembargo do Paço esforçou-se por controlar a impressão e a circulação de livros no Brasil, verificando sua entrada e saída nos portos, examinando as obras postas à venda por livreiros, estudando inéditos com vistas à impressão, avaliando pedidos de concessão de privilégios de edição e venda, observando a fidelidade de reimpressões. (ABREU, 2003, p.42).

Essa estudiosa explica que o monopólio desta instituição perdurou até o ano de 1821, permitindo o surgimento de outras tipografias na então colônia portuguesa. Com efeito, a expansão do impresso desencadeou a criação de vários periódicos na capital do Império, conseqüentemente, a circulação de jornais e obras se tornou mais expressiva e se ampliou do Rio de Janeiro até as demais províncias. Embora a circulação de livros tivesse aumentado, o número de consumidores crescia lentamente devido ao índice alarmante do analfabetismo. É o que elucida Tânia Ferreira (2011, p. 47):

Mesmo a existência de diversas escolas no Rio de Janeiro, que concentravam uma boa quantidade de leitores potenciais, não foi suficiente para evitar que o número de consumidores de livros aumentasse de forma muito lenta. [...] era um número que se restringia, pois cerca de 85% da população brasileira era de analfabetos, ou seja, só 15% alfabetizados.

Segundo Needel (1993) o território brasileiro na segunda metade do século XIX em sua faixa costeira era composto por cidades portuárias e uma sociedade agrária, enquanto que o interior foi pouco conhecido ou habitado. A sociedade era dividida em dois estratos: o primeiro formado por brancos, poderosos e ricos fazendeiros; e a outra, a camada maior, era composta por negros, mulatos, escravos ou homens livres. O Rio de Janeiro, capital do império, era a cidade mais populosa; possuía quantidade significativa de negros, mestiços e analfabetos que

trabalhavam nas lavouras de café. O desenvolvimento e a exportação desse produto, baseado na mão de obra escrava, era uma das principais fontes de riqueza. O lucro com o latifúndio refletia no cenário político do Rio de Janeiro, uma vez que foi fundamental para a repressão e a consolidação de seu poder. O tráfico negreiro também oferecia quantidades expressivas de faturamento; em nenhum momento na história do Brasil houve tantas negociações escravocratas:

Em lugar da república livre e laica, cogitada pelos liberais, vingara a monarquia centralizadora e católica, na qual Igreja e Estado prosseguiram compartilhando o poder enquanto regime escravo-levado às últimas consequências com a entrada dos maiores contingentes africanos- consolidou a tradição monocultora e a ordem estamental do país, mantendo os tradicionais obstáculos do passado como forte entrave para a propagação de uma imprensa livre e atuante. (MARTINS; LUCA, 2015, p.47).

Conforme essas estudiosas, nesse contexto a imprensa transitava pela sociedade, mas deveria sempre favorecer o Império, ou seja, não poderia noticiar informações que fossem de encontro aos interesses da coroa portuguesa. Sendo assim, os periódicos apresentavam um ponto de vista conservador e áulico. *O Jornal do Commercio* foi um dos periódicos mais importantes do Brasil e era “[...] a melhor representação do jornal oficial do Império” (MARTINS; LUCA, 2015, p.52). De acordo com Martins e Luca (2015), este jornal foi criado em 1826 com o título de *Espectador Brasileiro*, pelo francês Pierre Plancher, fechado, e reaberto em 1º de Outubro de 1827 com sua denominação trocada para: *Jornal do Commercio*.

Este periódico é considerado o mais antigo jornal diário da América Latina e circulou de forma ininterrupta até vinte e nove de abril de dois mil e dezesseis. Martins e Luca (2015) elucidam que até o final da década de sessenta este jornal se apresentava como apartidário e conservador. A partir da década de 70 do Oitocentos esse periódico começa a se posicionar sobre assuntos polêmicos como, por exemplo, a abolição a escravidão. “Acima de tudo, o *Jornal do Commercio* espelha o estado da nação” (MARTINS; LUCA, 2015, p.55). Podemos perceber, então, que o jornal aqui referido era de suma importância e influência para a sociedade carioca Oitocentista.

Segundo Barbosa (2007), uma das práticas pertinente nos jornais da corte refere-se à presença de anúncios de livros que se apresentavam de diferentes formas, e são importantes fontes de informações para a história da leitura, uma vez que carregam dados referentes à presença, circulação e materialidades dos livros. “Esses anúncios também têm o mérito de poder testemunhar as leituras e

os livros de sucesso naquele tempo. São várias as indicações de que os livros mais lidos e preferidos não guardam qualquer relação com ‘cânone’ do século XIX brasileiro” (BARBOSA, 2007, p.77). Assim sendo, os anúncios de livros publicados em jornais oitocentistas pelos livreiros estabelecidos na capital do Império nos revelam a materialidade do livro, qualidade do impresso e os romances em circulação que não estão disponíveis em outros suportes que não sejam os periódicos do Oitocentos. E mais do que isso, a pesquisa com base em anúncios se faz relevante para sabermos melhor acerca da língua, dos costumes e da cultura propagada no Brasil imperial, como nos explica Gilberto Freyre (2012, p. 45):

[...] os anúncios constituem a melhor matéria ainda virgem para o estudo e a interpretação de certos aspectos do nosso século XIX. E não só para a interpretação desse período: para o esclarecimento da nossa psicologia em muitos dos seus aspectos gerais ainda obscuros. Para o estudo do desenvolvimento da língua brasileira, por exemplo. No romance e na poesia, só nos livros de autores mais recentes ela vem revelando a espontaneidade e a independência que se encontram nos anúncios de jornais através de todo o século XIX.

O comércio de livros no Brasil, segundo Tânia Ferreira (2011), inicia-se aproximadamente em 1808. Os comerciantes eram, em sua maioria, imigrantes vindos da Europa que procuravam no Brasil um novo mercado, ou vinham por motivos de perseguição política. Os livreiros estabelecidos no Rio de Janeiro mantinham relações com tipografias de outros países, principalmente da França e Portugal, tendo em vista que o preço para imprimir um livro era mais barato no exterior, o que ajudou a intensificar o comércio transatlântico de impressos no Brasil. Os livreiros enfrentavam a rigorosa censura vigente no Rio de Janeiro que demorava a analisar as obras até permitir a circulação do impresso.

Chamados de *tratantes de livros*, estabeleceram-se no Rio de Janeiro por volta de 1808. Sofriam o controle de instituições e autoridades locais, mas mesmo assim anunciavam seus produtos nos jornais, juntamente com toda a variedade de mercadorias a que tinham acesso através das importações. (FERREIRA, 2011, p.42).

Segundo Ferreira (2011), na segunda metade do século XIX os livreiros deixam gradativamente de sofrer com o rigoroso controle da censura, e a partir desse momento o mercado editorial começa a ser efetivamente promissor. O contato com a cultura europeia era tido como um padrão para os membros da elite brasileira e isso refletia nos acervos dos livreiros e comerciantes de outras mercado-

rias. As livrarias continuavam a crescer, mesmo que lentamente, e o convívio do público leitor em formação com a leitura estava assegurado:

A chegada da imprensa no Brasil foi tardia, mas em um século as novidades foram sendo incorporadas com certa velocidade, criando uma grande mola mestra dos negócios com livros no Brasil. Livreiros, tipógrafos e editores tiveram um papel fundamental na ampliação e divulgação dos impressos, fossem eles livros eruditos, livros escolares ou almanaques. (FERREIRA, 2011, p. 55).

O estudo desenvolvido por Márcia Abreu (2003), baseado em fontes primárias, comprova que no século XVIII e início do século XIX, as obras literárias que mais circularam neste período referem-se ao gênero Romance, forma literária que ascende na Inglaterra no século XVIII e torna-se o mais lido no continente europeu. Não podemos afirmar com exatidão o momento no qual o primeiro romance adentra o território brasileiro, mas o que podemos afirmar é que este gênero cresceu vertiginosamente e sua ascensão no Brasil ocorre na segunda metade do século XIX. Tendo em vista o apreço do público leitor por este gênero e a ampla abrangência dos periódicos oitocentistas, os livreiros anunciavam as obras que estavam à disposição nos jornais mais importantes e famosos, assim, a notícia de que novos livros tinham chegado a suas lojas seria de conhecimento de um grande número de consumidores desses impressos.

1. A Circulação Transatlântica de Romances Portugueses no *Jornal do Commercio*

Com o propósito de investigarmos sobre a história da leitura na capital do Império, realizamos uma pesquisa³ documental em torno do *Jornal do Commercio*, disponível na Hemeroteca Digital brasileira e na Biblioteca Nacional, com o objetivo de recuperar dados acerca da presença e circulação de romances portugueses no Rio de Janeiro Oitocentista, posto que naquela época a capital do Império recebia forte influência portuguesa do ponto de vista político, ideológico e cultural.

O recorte deste trabalho centraliza-se nos anos de 1868 a 1869, período em que o gênero romance estava consolidado no Brasil. O *Jornal do Commercio* foi escolhido como base de nossa pesquisa, pois este periódico foi o mais

3. Pesquisa vinculada ao projeto: Romances portugueses em circulação no Rio de Janeiro e em Belém na segunda metade do século XIX, cujo título do plano de trabalho é "Romances portugueses em anúncios de livros, textos críticos e prosas de ficção no Jornal do Comércio do Rio de Janeiro oitocentista", financiado pelo CNPQ, e coordenado pela Prof^a Dr^a Juliana Maia de Queiroz na Universidade Federal do Pará.

importante do Império naquele período. Essa afirmação pode ser sustentada a partir da seguinte citação:

É o jornal mais lido do imperio, possui quase treze mil assignantes, e não só em formato como em variedade e interesse das materias contidas em trinta e duas columnas de duzentas e cincoenta seis a duzentas e sessenta linhas cada uma, senão em correcção e nitidez de impressão, póde competir com os mais acreditados jornaes da França e Inglaterra. (AZEVEDO, 1865, p. 191 *apud* SILVA, 2006, p.4-5).

Considerando a citação anterior podemos constatar que o *Jornal do Commercio* tinha alcance significativo de leitores, logo, os livreiros que anunciassem neste periódico a chegada ou disponibilidade de romances em seus estabelecimentos, teriam uma possibilidade muito maior de venda. Ao analisamos os reclames de romances neste jornal, verificamos que o gosto do público leitor se direcionava às obras estrangeiras, principalmente às francesas e portuguesas. A qualidade do impresso à disposição do público também era variada, pois com o intuito de atender a demanda das diversas camadas da sociedade carioca, os livreiros vendiam livros de maior e menor qualidade, assim, tanto a elite leitora quanto a classe menos favorecida poderia, em tese, ter acesso aos romances. Dessa forma, o público leitor tinha uma ampla variedade de romances tanto no que se refere à nacionalidade, quanto à qualidade do impresso a sua disposição.

Estamos aqui diante de uma evidência importante: o público leitor carioca do século XIX tinha a sua disposição uma oferta enorme de títulos com os quais se entreter, tanto nacionais quanto estrangeiros, dos nomes mais consagrados às edições mais baratas e de menor prestígio, sendo que muitos autores jamais figuraram nas histórias literárias. (QUEIROZ, 2011, p. 32).

No decorrer da coleta de dados localizamos treze livrarias anunciadas no *Jornal do Commercio*, algumas divulgavam o nome e endereço onde encontrar o estabelecimento, enquanto outras publicavam somente o nome da livraria ou o endereço. Vejamos a seguir:

Livraria Garnier – Rua do Ouvidor, n. 69
Livraria Enciclopédica – Rua Gonçalves Dias, n. 72
Livraria Cruz Coutinho – Rua São José, n. 75
Casa de uma Porta Só – Rua São José, n. 69
Livraria Luso-brasileira – Rua da Quitanda, n. 30

Livraria Dupont e Mendonça - Rua Gonçalves Dias, n. 75
Livraria Econômica - Largo do Paço
Lojas de Músicas
Rua da Quitanda nº 70
Loja de Livros- Rua do ouvidor nº 16
Livraria Universal & H Laemmert - Rua do ouvidor nº 68
Tipografia do Diário do Rio de Janeiro
Livraria de Domingos José Gomes Brandão

Fonte: *Jornal do Commercio*, 1868-1869.

Os anúncios de venda de livros localizados no *Jornal do Commercio*, importados ou impressos no Brasil, vinham em um quadro de avisos ao final desse periódico ou no meio, dependendo do número de páginas da edição que poderia variar entre quatro e dez páginas, dividindo espaço com uma variedade de outros tipos de anúncios, como: venda e aluguel de escravos, busca por escravo fugido, ofertas de remédios, roupas, acessórios, dentre outros. Nos anúncios de romances encontrados em que há informação sobre o tipo do impresso, ou seja, se eram encadernados ou brochados, verificou-se que predominava a forma encadernada, o que demonstra a estratégia de impressão dos livreiros estabelecidos no Rio de Janeiro. Alguns desses reclames informavam somente o título da obra oferecida ou uma lista de títulos disponíveis nos estoques de um ou vários livreiros. Em alguns anúncios, o livreiro acrescentava a informação de que a obra continha gravuras, estampas ou o retrato do autor, uma tática desses comerciantes para chamar a atenção do consumidor, como nos explica Sales e Silva (2010, p. 50):

Geralmente, as obras que vinham sem nenhum elemento gráfico não eram vistas com bons olhos pelo público leitor menos crítico daquela época. Por essa razão, para evitar que o leitor perdesse o interesse pela narrativa, gastos com a inclusão desses elementos acessórios em relação ao texto – elemento essencial – não eram poupados, pois tal investimento trazia retornos financeiros favoráveis aos bolsos dos editores. Esses elementos eram utilizados para facilitar a leitura e para provocar a atenção do leitor, aguçando também sua curiosidade.

Ao longo da presente pesquisa, no período aqui mencionado, foram registrados cento e vinte (120) anúncios de romances. Verificamos a presença de romances franceses, brasileiros, espanhóis, portugueses, ingleses, além de outros cuja autoria e/ou nacionalidade não puderam ser identificadas. Esta pesquisa interessa-se, particularmente, pelos romances portugueses. Desse modo, serão discutidos os dados referentes aos títulos de autores de nacionalidade lusitana.

Vejamos a seguir a tabela contendo todos os títulos de romances, autores e anos em que circularam no *Jornal do Commercio* entre 1868 a 1869:

	Romance	Ano	Autor
1	As Pupilas Do Senhor Reitor	1868,1869	Julio Dinis
2	Uma Família Inglesa	1868, 1869	Julio Dinis
3	A Morgadinha Dos Canaviais	1868,1869	Julio Dinis
4	Memórias Dos Vinte Anos	1868	Júlio De Castilho
5	Phebos Moniz (Romance Histórico)	1868	Oliveira Martins
6	Do Chiado A Veneza	1868,1869	Júlio César Machado
7	Cenas Da Minha Terra	1868	Júlio César Machado
8	O Calabar	1868	Mendes Leal
9	Agulha Em Palheiro	1868, 1869	Mendes Leal
10	Os Bandeirantes	1869	Mendes Leal
11	O Ódio Velho Não Cansa: Romance Histórico	1868, 1869	Rebelo Da Silva
12	A Casa Dos Fantasmas	1868, 1869	Rebelo Da Silva
13	A Mocidade D. João V (Romance histórico)	1868, 1869	Rebelo Da Silva
14	Mistérios Do Porto	1868	Rebelo Da Silva
15	Lágrimas E Tesouro	1868,1869	Rebelo Da Silva
16	A Bruxa Do Monte Cordova	1868, 1869	Camilo Castelo Branco
17	Encontra-Se Também Obras Completas De A. Herculano, A. Garret E Camilo Castelo Branco	1868	-
18	Vende-Se Obras Completas De Camilo Castelo Branco, Incluindo Traduções.	1868	Camilo Castelo Branco
19	Doida De Candal	1868, 1869	Camilo Castelo Branco
20	A Enjeitada	1868	Camilo Castelo Branco
21	O Santo Da Montanha	1868	Camilo Castelo Branco
22	O Mundo Elegante	1868	Camilo Castelo Branco
23	Coisas Leves E Pesadas	1868, 1869	Camilo Castelo Branco
24	Duas Épocas Na Vida	1868	Camilo Castelo Branco
25	Um Homem De Brios	1868	Camilo Castelo Branco
26	O Senhor Do Paço Ninães	1868,1869	Camilo Castelo Branco
27	O Olho De Vidro	1868, 1869	Camilo Castelo Branco
28	A Queda De Um Anjo	1868	Camilo Castelo Branco
29	O Bem E O Mal	1868	Camilo Castelo Branco
30	Estrelas Funestas	1868	Camilo Castelo Branco
31	Estrelas Propícias	1868	Camilo Castelo Branco
32	Memórias de G. Do Amaral	1868	Camilo Castelo Branco
33	Vinte Horas De Leitura	1868	Camilo Castelo Branco
34	Mistérios De Lisboa	1868	Camilo Castelo Branco
35	Mulheres Perdidas	1868	Camilo Castelo Branco
36	Amor De Perdição	1868, 1869	Camilo Castelo Branco
37	Amor De Salvação	1868	Camilo Castelo Branco
38	As Três Irmãs	1868	Camilo Castelo Branco
39	O Judeu (Romance Histórico)	1868, 1869	Camilo Castelo Branco
40	Memórias Do Cárcere	1868	Camilo Castelo Branco
41	A Freira Que Fazia Chagas E O Padre Que Fazia Reis	1869	Camilo Castelo Branco
42	A Sereia	1868, 1869	Camilo Castelo Branco
44	Romance De Um Homem Rico	1868	Camilo Castelo Branco
45	O Sangue	1868, 1869	Camilo Castelo Branco
46	O Retrato De Ricardina	1868, 1869	Camilo Castelo Branco

47	Duas Horas De Leitura	1868	Camilo Castelo Branco
48	A Neta Do Arcediago	1868, 1869	Camilo Castelo Branco
49	Memórias Do Bispo Do Grão-Pará	1868, 1869	Camilo Castelo Branco
50	Doze Casamentos Felizes	1868	Camilo Castelo Branco
51	A Filha Do Arcediago	1868	Camilo Castelo Branco
52	As Virtudes Antigas Ou A Freira Que Fazia Chagas E o Padre Que Fazia Reis	1868, 1869	Camilo Castelo Branco
53	Mistérios De Fafe (Romance Social)	1869	Camilo Castelo Branco
54	Carlota Ângela	1869	Camilo Castelo Branco
55	Coisas Espantosas	1869	Camilo Castelo Branco
56	O Demônio Do Ciúme	1868	Carlos Borges
57	Eulália	1868	Carlos Borges
58	Dois Gênios Diferentes	1868	Carlos Borges
59	Leitura para O Campo Coleção De Romances	1868	A.Varella
60	A Virgem Guaraciaba	1868	Pinheiro Chagas
61	A Corte De D. João V (Romance Histórico)	1868	Pinheiro Chagas
62	Tristezas A Beira Mar	1868	Pinheiro Chagas
63	O Filho Do Badaia	1869	Pinheiro Chagas
64	A Flor Seca	1869	Pinheiro Chagas
65	Arzila (Romance Histórico)	1869	Bernardino Pinheiro
66	O Bobo	1868, 1869	Alexandre Herculano
67	Romanceiro	1868	Almeida Garret
68	O Arco De Sant'Ana	1869	Almeida Garrett
69	A Judia	1868	Thomaz Ribeiro
70	Tempestade Do Coração	1868	J. B. Matos Moreira
71	Última Dona De São Nicolau	1868	Arnaldo Gama
72	Verdades E Ficções	1869	Arnaldo Gama
74	O Gênio Do Mal	1869	Arnaldo Gama
75	Noites De Lisboa	1868	Manuel Roussado
76	Em Paris	1869	Ramalho Ortigão
77	Ângelo	1869	Francisco De Moura Secco
78	O Irmão Bastardo (Romance Histórico)	1869	Carlos Pinto De Almeida
79	A Conquista De Lisboa	1868, 1869	Carlos Pinto De Almeida
80	A Cruz Pelas Riquezas	1868	Carlos Pinto D'almeida
81	Coroa De Amores	1869	Simões Dias
82	Duas Facas	1869	Teixeira De Vascellos
83	A Má Mulher	1869	José Antonio Nogueira De Barros
84	Lendas Peninsulares	1869	José Torres
85	Barco Da Carreira Dos Tolos	1869	José Daniel
86	O Brinco Perdido	1869	José Romano
87	Paquita	1869	Bulhão Pato
88	Impressões De Viagem	1869	Ricardo Guimarães
89	Memórias De Um Doido	1869	A.P. Lopes De Mendonça
90	O Marquês De Pombal	1869	Antônio De Campos Júnior
91	As Confidências	1868	Ernesto Pereira Marecos
92	A Morta	1868	Ernesto Pereira Marecos
93	Memórias Da Mocidade	1868	Soares Franco

É notável a presença marcante do autor Camilo Castelo Branco nos dados localizados nos anúncios do periódico aqui pesquisado. Totalizam-se vinte e sete (27) títulos deste romancista que era recorrentemente anunciado, evidenciando não apenas sua vasta produção em terras brasileiras, bem como o apreço do público pelo escritor português. Vejamos a imagem a seguir retirada do *Jornal do Commercio* no dia 18/01/1868, edição 18:

Imagem 1

-- O Sr. Camillo Castello Branco, famoso roman-
cista, tem estado doente dos olhos, impossibilitado de
escrever. Logo que melhorar publicará outro romance
intitulado *O sangue*.

Evidencia-nos, ainda mais, que o público e a imprensa oitocentista não só apreciavam este autor, mas também se preocupavam em informar sobre seu estado de saúde na primeira capa do jornal mais importante do Brasil. O romance *O Sangue*, mencionado na imagem, foi anunciado pela primeira vez no *Jornal do Commercio* quatro meses depois, no dia 12/05/1868, edição 131, por uma das principais livrarias da época, a Livraria Garnier. Após esse anúncio, este romance foi publicado mais oito vezes em reclames distintos pela Livraria Luso-Brasileira, a Livraria Cruz Coutinho e novamente pela Livraria Garnier. Camilo Castelo Branco surgia nos reclames em listas com a presença de vários outros romances de nacionalidades diferentes, sendo que em outros momentos era publicada a chegada de suas obras em destaque. Atentemo-nos para as imagens em seguida:

Imagem 2

BLANCHET, Apologos e contos orientaes, 1 vol.
BRANCO, O retrato de Ricardina, 1 vol.
DITO, Vinte horas de leitura, 1 vol.
DITO, O senhor do paço de NinFas, 1 vol.
■ DITO, Um homem de bríos, 1 vol.
DITO, Duns é oca da vida, 1 vol.
DITO, A douda do Candal, 1 vol.
DITO, Amor de salvação, 1 vol.
DITO, A enfeitada, 1 vol.
☞ DITO, A neta do arcediogo, 1 vol.
DITO, Estrellas funestas, 1 vol.
DITO, Divindade de Jesus e tradição apostolica, 1 vol.
DITO, As tres irmãs, 1 vol.
DITO, O bem e o mal, 1 vol.
DITO, Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado,
1 vol.
DITO, O olho de vidro, 1 vol.

Jornal do Commercio: 26/09/1868, edição 268.

Imagem 3

Obras de Camillo C. Branco.
A bruxa do Monte Cordova, A douda do Candal,
Mysterios de Lisboa, Amor de perdição, Amor de sal-
vação, As tres irmãs, Estrellas propicias, Estrellas
funestas, O judeo, Memorias do carcere, A divindade de
Jesus, Esboços de apreciações litterarias, A sermão,
Um livro, Romance de um homem rico, e todas as mais
obras do mesmo autor, na rua de S. José n. 61.

Jornal do Commercio: 01/06/1868, edição 152.

Imagem 4



Jornal do Commercio: 28/01/1868, edição 28.

Na imagem dois, há um recorte de parte de um anúncio com foco em uma lista contendo quinze romances de Camilo Castelo Branco, sendo que o anúncio completo apresenta obras francesas também. Na imagem três, encontra-se uma relação só com os romances de Camilo, sendo que seu nome está em destaque na parte superior do anúncio. Isso pode significar tanto que esse romancista quanto suas obras eram um sucesso no século XIX. Observamos também na imagem dois a presença de romances muito conhecidos pelo público atual como *Amor de Perdição* e a existência de romances que não são tão conhecidos, tais como: *Estrelas funestas*, *O judeu* e *Estrelas propícias*, ou seja, recuperamos dados sobre a circulação de romances camilianos que tiveram muitas outras edições portuguesas e brasileiras ao lado de outros menos conhecidos.

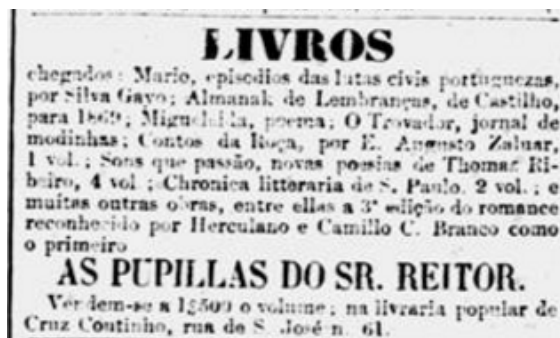
A imagem quatro impressiona pela quantidade expressiva de volumes disponíveis para venda deste escritor: 64 volumes em 32 livros, compondo as obras completas do autor. Encontra-se neste reclame uma informação sobre a materialidade do impresso, “em perfeita encadernação”, que o livreiro faz questão de acrescentar para o conhecimento do leitor, demonstrando a qualidade do livro à disposição e em seguida o local em que as obras completas estão sendo vendidas. Essas informações são importantes para se reconstituir a história da leitura.

Essa informação, por sua vez, reconstitui uma outra história que interessa a historiadores da leitura e da literatura: trata-se da informação sobre tipógrafos e tipografias, livreiros e “livrarias”, que podem tornar visível a vida cultural de várias províncias e do Rio de Janeiro. São elementos fundamentais que ajudam a divulgar e a fomentar o comércio, a fabricação e a circulação dos livros no século XIX. (BARBOSA, 2007, p. 72)

O autor Júlio Dinis também obteve grande destaque na seção *Anúncios* do *Jornal do Commercio*; são diversos os reclames em que há publicação de seus romances em destaque, evidenciando somente as obras deste autor. Muito embora Júlio Dinis tenha publicado poucos romances ao longo de sua carreira, esses foram suficientes para cair nas graças do público carioca oitocentista. Suas obras

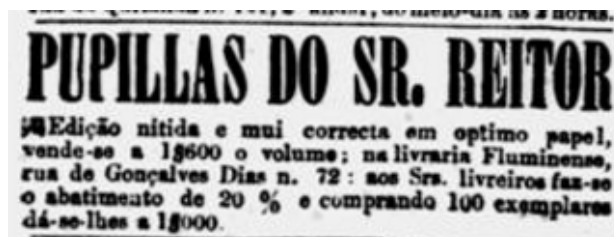
As pupilas do senhor reitor, *A morgadinha dos canaviais* e *Uma família inglesa* foram recorrentemente anunciadas no periódico aqui pesquisado. Vejamos a seguir algumas imagens retiradas do *Jornal do Commercio*:

Imagem 5



Jornal do Commercio: 11/07/1868, edição 192.

Imagem 6



Jornal do Commercio: 11/07/1868, edição 192.

Imagem 7



Jornal do Commercio: 13/08/1868, edição 225

Imagem 8



Jornal do Commercio: 10/09/1868, edição 252

Na imagem cinco, entre almanaques, poemas, poesias de Thomaz Ribeiro, e crônicas, o romance de Júlio Dinis encontra-se em absoluto destaque, e vai muito além disso, uma vez que o livreiro evidencia que esta obra é reconhecida por romancistas portugueses consagrados da época: Alexandre Herculano e Camilo Castelo Branco, uma estratégia do livreiro para enaltecer a obra à venda. Muito embora Camilo tenha a maior quantidade de títulos de romances anunciados no *Jornal do Commercio* no recorte temporal mencionado, o romance *As pupilas do senhor reitor* de Júlio Dinis foi o mais anunciado, totalizando trinta e duas vezes, no decorrer da pesquisa. Consideremos o que afirma Juliana Queiroz (2011, p. 46-47) sobre a recorrência de um título de romance anunciado:

Ao analisar os anúncios, estamos cientes também de que a quantidade de títulos de romances não se traduz necessariamente em vendas, ou seja, não há como saber se o fato de determinadas obras terem sido mais anunciadas do que outras significou que algumas

eram efetivamente mais vendidas do que outras. Em sentido inverso, os anúncios poderiam significar, inclusive, obras que estavam há mais tempo na prateleira, esperando para serem compradas. [...]. Assim, os anúncios de romances nos dão mostras, com certeza, das obras que efetivamente circulavam, ou seja, que estavam disponíveis para o público leitor no final da década de sessenta do século XIX. Por outro lado, quando temos anúncios que apontam para mais de uma edição em um espaço relativamente curto de tempo, podemos, então, inferir que tal ou qual obra foi um sucesso de público e certamente de vendas, justificando, assim, uma nova edição.

A afirmação nos permite inferir, conforme a imagem cinco, que o autor Júlio Dinis e seu romance em destaque circulavam na sociedade carioca no século XIX. E mais do que isso, podemos confirmar que o romance *As pupilas do senhor reitor* foi um sucesso entre o público leitor, justificando a terceira edição em que o romance se encontrava. A imagem seis anuncia este mesmo romance, mas se encontra no acervo de outro livreiro, a Livraria Fluminense, que promete abater seiscentos réis caso o consumidor compre mais cem exemplares, o que nos faz notar que o acervo desta livraria poderia ser extenso. Neste anúncio ainda, o livreiro faz questão de enaltecer a qualidade da impressão na tentativa de convencer o público leitor a comprar o seu produto.

Nos anúncios sete e oito, os livreiros evidenciam os outros dois romances publicados por Júlio Dinis: *A morgadinha dos canaviais* e *Uma família inglesa* que também obtiveram significativa frequência nos reclames do *Jornal do Commercio*. Na imagem sete o livreiro acrescenta a informação de que o romance *Uma família inglesa* foi escrito por Júlio Dinis, autor já consagrado pelo romance *As pupilas do senhor reitor*, estratégia importante para convencer o leitor de que esta obra era tão boa quanto aquela que já havia caído no gosto do público. Na imagem oito o comerciante publica o anúncio do romance *A morgadinha dos canaviais*, em destaque, ao mesmo tempo em que recomenda a obra que foi publicada por Júlio Dinis. Estes dois reclames foram publicados pela Livraria Luso-Brasileira que utilizou a mesma estratégia para vender os romances disponíveis deste autor em seu acervo.

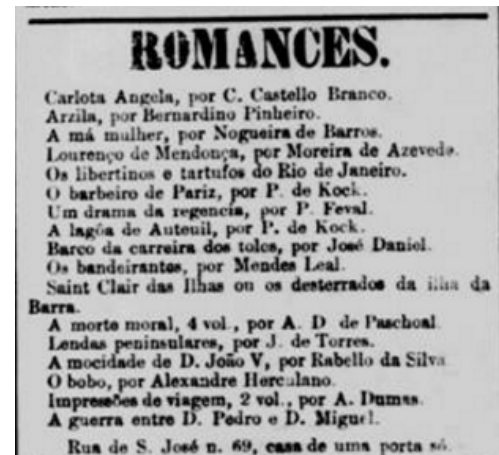
Uma das estratégias dos livreiros para anunciar o gênero romance era colocar em evidência que os livros à disposição do público se referia a esta forma literária. Vejamos algumas imagens de anúncios publicados no *Jornal do Commercio*:

Imagem 9



Jornal do Commercio: 31/03/1869, edição 89.

Imagem 10



Jornal do Commercio: 27/06/1869, edição 177.

Imagem 11



Jornal do Commercio: 08/06/1869, edição 158.

Nas imagens acima podemos observar que romances eram anunciados em meio a poemas, ou somente romances. É o que ocorre na figura nove, anúncio predominantemente de romances de autores portugueses, mas que está misturado com o poema de Almeida Garret, embora o livreiro tenha declarado que o anúncio se trata de romances, isso era muito comum nos anúncios oitocentistas. Percebiam que alguns dos romances postos à venda não deixa transparecer o nome do autor, o que nos possibilita levantar a hipótese de que estes autores eram tão conhecidos que seus nomes eram dispensáveis.

Na imagem dez podemos perceber a presença de autores de variadas nacionalidades, tais como: *A morte moral* do brasileiro A. D. de Paschoal; o romance não muito conhecido de Camilo Castelo Branco *A Carlota Ângela*; *O barbeiro de Paris* de um dos autores franceses mais anunciados e de sucesso no século XIX, Paul de Kock; e também a presença do autor de renome naquele século, Paul Féval. Neste reclame o livreiro tem a intenção de mostrar para o consumidor que em seu acervo há uma variedade significativa de romances e nacionalidades diferentes, ou seja, para todos os gostos.

Acerca da imagem nove, observamos que o livreiro não adicionou o nome de alguns autores. Vale ressaltar ainda que muitas dessas obras eram romances históricos, a exemplo da obra *A Mocidade D. João V*, de Rebelo da Silva, embora não tenha sido evidenciado neste reclame, mas que em outros aparece em relevo.

Segundo Ana Maria Marques (2012) os romances históricos foram um sucesso no século XIX, tendo como precursor Walter Scott. Essa nova tipologia de romance logo foi produzida por Alexandre Herculano e Almeida Garret, posteriormente desenvolvida por outros autores portugueses. “Na segunda metade do século XIX era sólida a tradição do romance histórico em Portugal e o público leitor dava já por consolidadas as regras de um gênero extremamente popular” (MARQUES, 2012, p.18).

No Brasil, o romance histórico não tardou a chegar, é o que afirma (BASTOS, 2007, p. 11): “Tão logo surgiu, no início do século XIX, o romance histórico obteve imediato êxito no mundo inteiro, inclusive no Brasil”. Tendo em vista o sucesso que esses romances faziam no exterior, os livreiros anunciavam as obras referentes a essa forma literária nos jornais que aqui circulavam. Se considerarmos a imagem nove e a tabela exposta neste trabalho, constataremos que não só nestes anúncios os romances históricos obtiveram o acréscimo de informação sobre o tipo de romance disponível no acervo dos livreiros, mas também em outros títulos como, por exemplo, *Phebos Moniz* de Oliveira Martins (Romance Histórico); *O Ódio Velho Não Cansa*, de Rebelo da Silva (Romance Histórico); *O Judeu*, de Camilo Castelo Branco (Romance Histórico); *A Corte De D. João V*, de Pinheiro Chagas (Romance Histórico); *O Irmão Bastardo*, de Carlos Pinto de Almeida (Romance Histórico).

A pesquisa em jornais oitocentistas possibilita recuperar dados sobre romances nacionais e estrangeiros que circularam no Brasil e que ajudaram na disseminação desse gênero em expansão, provando que a leitura de romances no Brasil oitocentista era algo muito mais amplo do que fazem crer as histórias literárias e livros didáticos publicados no século XX. A tabela nos mostra alguns romances e romancistas que não são figuras ou títulos conhecidos entre o público leitor atual, tais como: *Tempestade do Coração*, de J. B. Matos Moreira; *Coroa de Amores* de Simões Dias; *A Freira que Fazia Chagas e o Padre que Fazia Reis* de Camilo Castelo Branco; *As Confidências* de Ernesto Pereira Marecos; *Eulália* de Carlos Borges; *A Má Mulher* de José Antônio Nogueira de Barros, entre outros. É o que nos explica Muller (2011, p. 43):

Os periódicos nos descortinam um panorama da leitura de romances no Brasil oitocentista diferente do que é comumente transmitido nas escolas e até mesmo nos cursos de Letras. A pesquisa de

fontes primárias proporciona uma visão mais ampla e precisa do processo de consolidação do gênero romanesco no Brasil, à medida que permite conhecer, não apenas os textos e autores que, posteriormente, foram considerados mais significativos, mas também os que a tradição literária apagou e que, no entanto, compuseram o universo literário de seu tempo.

Em relação aos autores que foram muito prestigiados no século XIX, mas que não entraram para o cânone literário, elencamos o exemplo de Ponson du Terrail, autor de muito sucesso na França e que publicava diariamente romances em cinco periódicos diferentes naquele país. Seu prestígio atravessava o Atlântico e várias de suas narrativas eram estampadas na seção *Folhetim* durante meses; foi um dos autores franceses mais anunciados no jornal aqui pesquisado. No entanto, recuperamos uma crítica⁴ publicada no *Jornal do Commercio* na qual o autor tece os seguintes comentários sobre o referido romancista:

Não se pode recusar a Ponson du Terrail uma imaginação infatigável e recursos admiráveis para multiplicar e embrulhar os fios de um romance. Imitador de Alexandre Dumas pai, ficou entretanto, é força dizer-lo; alguém de seu modelo. Quanto ao estilo, o romance não teve muito tempo para polí-lo, escrevendo sempre a vapor. Nunca releu uma linha depois de a ter escrito, e, pois, as páginas que lhe saíram da pena não primão pela muito pela linguagem clássica.

Como podemos perceber, uma voz crítica e anônima da época nos dá pistas quanto às possíveis causas para o posterior esquecimento do autor francês: a aposta quase exclusiva na produção e veiculação em massa de seus romances. Não nos esqueçamos de que a crítica literária não se atém somente à circulação em larga escala ou popularização das obras literárias, mas sobretudo ao rigor estético. O caso de Terrail é emblemático, porém não isolado: a produção a vapor de romances no século XIX se configurou como um dos motivos pelos quais alguns autores e títulos não entraram para o cânone literário.

Muito embora os romances portugueses tivessem destaque no mercado editorial brasileiro, os romances franceses obtiveram o maior número de títulos de romances nos anúncios catalogados, isso se explica pela influência que a cultura francesa tinha não só na capital do Império, mas nas demais províncias no entorno do território brasileiro. Entre os autores mais anunciados destacam-se: Paul Féval; Ponson du Terrail; Paul de Kock, No entanto, os romancistas portugueses conseguiam disputar a preferência do público no mercado livreiro oito-

4. Crítica com autoria desconhecida.

centista com muitos títulos de autores que ainda permanecem canonizados na história da literatura, tais como: Camilo Castelo Branco e Júlio Dinis. A pesquisa em anúncio no periódico *Jornal do Commercio* nos permitiu recuperar dados sobre a presença e circulação de romancistas que não são conhecidos do público atual, como: Carlos Borges, A. Varella, Francisco De Moura Secco e Simões Dias.

Conclusão

Esta pesquisa se propôs a investigar a circulação de romances no Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX, por meio da recolha e exame dos reclames de romances presentes na seção *Anúncios* do *Jornal do Commercio*. Foi possível recuperar informações valiosíssimas, tais como: qualidade material do impresso, os romances de maior sucesso, estratégias de venda dos livreiros, assim como recuperar títulos de obras e autores que ficaram esquecidos pelo público leitor atual. Essas informações são válidas para o historiador contemporâneo compreender como ocorreu a formação da leitura no Brasil.

A partir dos dados coletados no *Jornal do Commercio*, verificou-se o gênero literário preferido do público leitor, o romance, gênero que surgiu em sua forma moderna na Inglaterra no século XVIII e se consolidou no Brasil a partir da segunda metade do século XIX. Pode-se afirmar que no Rio de Janeiro havia um público leitor que tinha predileção por obras estrangeiras. Mais do que isso: a pesquisa com base nos anúncios de livros publicados nesse periódico comprova que, ao lado de romances nacionais e estrangeiros, os portugueses possuíam lugar de relevo no mercado livreiro oitocentista.

Verificamos que os romances franceses eram a maioria; dentre os autores mais anunciados destacamos: Paul Féval, Ponson du Terrail e Paul de Kock, firmando seu poderio frente ao público brasileiro que apreciava a cultura e a literatura francesa. Entretanto, os romancistas portugueses conseguiam disputar a preferência do público com muitos títulos de autores que ainda permanecem canonizados na história da literatura, uma vez que os leitores cariocas tinham também predileção por autores e obras portuguesas, tais como Camilo Castelo Branco, Júlio Dinis e Rebelo Da Silva, sendo Camilo Castelo Branco o romancista português de maior destaque nos anúncios.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras/Fapesp, 2003.
- AZEVEDO, Moreira de. Origem e Desenvolvimento da Imprensa no Rio de Janeiro. In SILVA, Hebe Cristina da. *A Ascensão do Romance no Brasil - considerações acerca da presença do gênero em anúncios do Jornal do Comércio*. Congresso Internacional ABRALIC, 2006, Rio de Janeiro. Anais. Niterói: EdUFF, 2006.
- BARBOSA, Socorro de Fátima P. *Jornal e Literatura: a imprensa no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.
- BASTOS, Alcceno. *Introdução ao romance histórico*. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2007.
- CHARTIER, Roger. *A Ordem dos livros*. Ed. Trad. Mary Del Priori. Brasília: Ed. UnB, 1998.
- FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. *Comércio de livros: livreiros, livrarias e impressos*. Revista Escritos, Ano 5.n.5, 2011.
- FREYRE, Gilberto. *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. São Paulo: Global editora, 2012.
- LUCA, Tânia; MARTINS, Ana. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.
- MÜLLER, Andréa Correa Paraiso. *Imprensa e leitura de romances no Brasil oitocentista*. Gavgai Revista Interdisciplinar de Humanidades, v. 1, p. 26-35, 2011.
- NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- QUEIROZ, Juliana Maia. *As múltiplas facetas de Joaquim Manuel de Macedo: um estudo de A carteira de meu tio, Memórias do sobrinho de meu tio e A luneta mágica*. 2011. Tese (Doutorado em Teoria e história literária) - Universidade de Campinas, Campinas, São Paulo.
- SALES, Germana; SILVA, Flor. *Os Anúncios de Livros: circulação e trajetória do romance na sociedade belenense*. DLCV - João Pessoa, v.7, n.2, jul/dez 2010.